

ENTREVISTA  
*INTERVIEW*

# Alex Guilherme e o diálogo de e com Martin Buber

11  
ENTREVISTA

Nilda Stecanela\*

Alex Guilherme é professor na *Liverpool Hope University* e diretor do *Paulo Freire Centre for the Study of Critical Pedagogy*. É doutor em Filosofia pela *Durham University* e desenvolveu estudos de pós-doutorado no *Institute of Advanced Studies in Humanity* da *University of Edinburgh*. Configura um importante expoente intelectual na área da filosofia da educação. Sua produção científica é referência na compreensão dos temas diálogo e educação em Buber e na área de educação e resolução de conflitos.

O encontro com as produções de Alex Guilherme aconteceu por indicação de Tristan McCowan, supervisor de meu estágio pós-doutoral como bolsista da Capes, realizado na *UCL Institute of Education/London*, entre 1º de fevereiro de 2015 a 30 de janeiro de 2016 – por ocasião da discussão do diálogo como princípio e como meio para compreender os deslocamentos requisitados na relação pedagógica da escola contemporânea, os quais emergiram de dados empíricos que observaram narrativas de professores e alunos sobre os desafios do cotidiano escolar.

A reflexão desencadeada iniciou com a revisitação da metodologia dialógica desenvolvida por Paulo Freire, observando as aproximações e os distanciamentos com a filosofia do diálogo proposta por Martin Buber, dois pensadores para os quais Alex Guilherme tem voltado especial atenção em suas pesquisas e publicações.

A entrevista tem o objetivo de trazer as reflexões de um pesquisador brasileiro – que constituiu sua trajetória acadêmica no Reino Unido – sobre as interfaces do pensamento de Martin Buber com a educação, agregando também produções de Paulo Freire.

---

Doutora em Educação. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: nildastecanela@gmail.com

A entrevista iniciou em 13 de janeiro de 2016, em Liverpool, por ocasião do convite de Alex Guilherme para ministrar a palestra “Culture of complaint” in the pedagogical relationship: reflections from the compulsory schooling in Brazil, na Faculdade de Educação da *Liverpool Hope University*.<sup>1</sup>

A conversa foi realizada em três momentos: o primeiro aconteceu em uma conversa informal estabelecida durante a visita e circulação pelos espaços da universidade, momento em que Alex Guilherme apresentou-me parte da história da instituição; o segundo momento seguiu nas interações por escrito, na troca de *e-mails* a partir das perguntas-referência inicialmente definidas para a entrevista; o terceiro momento agregou complementações por meio do diálogo oportunizado via *skype*.

Feita essa contextualização, a partir de dez questões, a entrevista procura abranger a trajetória intelectual do entrevistado e os principais elementos que o conectam ao diálogo *de* e *com* Martin Buber.

**1 Nilda:** *Alex, você poderia fazer uma breve descrição de tua trajetória de formação, atuação profissional, principais publicações, situar o vínculo com a Liverpool Hope University e demais Instituições de Ensino Superior das quais é/foi professor convidado ou mantém vínculos colaborativos, ou algo mais que seja importante e que gostaria de dar relevo?*

**Alex:** A minha graduação foi em Filosofia na *University of Edinburgh*, e o tema da minha dissertação foi *Spinoza's ethics*. Logo depois, fiz meu mestrado na *St. Andrews University*, e a minha dissertação foi sobre *Spinoza's substance* sob a orientação da Professora Sarah Broadie.<sup>2</sup> Meu

---

<sup>1</sup> A Liverpool Hope University é uma universidade pública em Liverpool, Reino Unido. É considerada a única universidade ecumênica da Europa. Ela surgiu em 1980 da fusão de três colégios: St Katharine (1844), Notre Dame (1856) e Christ's College (1964), com o apoio do Arcebispo católico Derek Worlock e o Bispo anglicano David Sheppard. Esses estabelecimentos eram muito conectados à educação de mulheres e a formação de professores. Disponível em: <<https://www.hope.ac.uk/>>.

<sup>2</sup> A Professora Sarah Broadie, *St Andrews University*, foi professora em Edimburgo, Texas, Yale, Rutgers e Princeton. Ela é especialista em filosofia clássica e interessada em temas de metafísica e ética. É *fellow* da *British Academy* e da *Royal Society of Edinburgh*.

doutorado na *Durham University*<sup>3</sup> entre 2003 e 2007, sob a orientação do Professor David Cooper.<sup>4</sup> O título da minha tese foi “*Fichte and Schelling: the Spinoza connection*. Nela eu discuti como os post-kantianos retornaram à Filosofia de Espinoza para resolver problemas da Filosofia crítica de Kant. Esse tema é muito conhecido em Hegel, mas muito pouco discutido com referência a Fichte e Schelling. Depois fiz pós-doutorado sobre a filosofia de Buber no *Institute of Advanced Studies in Humanities, University of Edinburgh*.

Eu tenho vários artigos publicados e o livro: *Buber and education: dialogue as conflict resolution*. London and New York: Routledge (2014).

Fui professor-visitante em várias instituições: *Universität Bern*, *Université de Neuchâtel*, na Suíça, *Universitetet i Oslo*, na Noruega, *Top Institute for Evidence Based Education Research (TIER)* da *Maastricht University*, na Holanda, e na PUCPeru, o que me deu uma experiência internacional grande, outros modos de trabalhar, diferentes pedagogias. Também visitei várias vezes o *Buber Archives* e o *Yad Vashem* (Museu do Holocausto) em Jerusalém, assim como colegas na *Hebrew University*, *Tel Aviv University* e *University of Haifa*. No Brasil, fui visitante na Unesp para um projeto sobre educação e violência escolar liderado pela Professora Joyce Adam. Recentemente, fui professor-visitante na Faculdade de Educação da *University of Cambridge*, onde desenvolvi trabalho sobre educação e violência com Hilary Cremin.

**2 Nilda:** *Alex, você poderia descrever quando e como aconteceu o interesse pela obra de Martin Buber e o encontro com os conceitos por ele desenvolvidos?*

**Alex:** O nome do Martin Buber apareceu várias vezes quando estava desenvolvendo minha pesquisa, mas só comecei a trabalhar com ele depois que terminei o meu doutorado. Primeiro, trabalhei na *University of*

---

<sup>3</sup> Segundo a Wikipédia, a Universidade de Durham é uma Instituição de Ensino Superior localizada em Durham – norte da Inglaterra. Foi fundada por lei do Parlamento em 1832 e teve uma Carta Régia concedida em 1837. Foi a primeira universidade a ser aberta na Inglaterra em mais de seiscentos anos, sendo também a terceira mais antiga instituição do país. Para mais detalhes, acessar: <https://www.dur.ac.uk/>.

<sup>4</sup> O Professor David E. Cooper, *Durham University*, foi professor em Oxford, Miami, London e Surrey, presidente da *Aristotelian Society*, *Mind Association*, e *Philosophy of Education Society of Great Britain*. É especialista nas áreas: história da filosofia e filosofia continental europeia.

*Edinburgh*, ensinando no Departamento de Filosofia e, na época, já incluí o Buber no curso que ministrava: “Filosofia e o meio Ambiente”. Logo depois, fiz um pós-doutorado no *Institute of Advanced Studies in Humanity*, na *University of Edinburgh*, trabalhando no tema *Martin Buber and Reconciliation*. Nessa época, comecei a desenvolver pesquisa em conjunto com o W. John Morgan, da *University of Nottingham* e *Unesco Professor*, sobre a filosofia do Buber. Ele fazia parte de um projeto na *British Academy* sobre o Buber, e tínhamos muitos pontos em comum. Tem sido uma *partnership* muito boa, trabalhamos muito bem juntos, de certa maneira sabemos o que o outro está pensando, o que facilita quando escrevemos.

**3 Nilda:** *Conforme você e Morgan referem no livro Buber and education: dialogue as conflict resolution, publicado em 2014 pela Routledge, o fator-chave para a criação de uma comunidade dialógica é a educação. Acrescentam que para Buber o diálogo deve ser o centro da educação. Você poderia explicar as concepções de diálogo que Buber considera para a educação?*

**Alex:** O uso da terminologia *relação dialógica e não dialógica* pode levar a um mal-entendimento porque, num primeiro momento, pensamos no diálogo como uma troca de perguntas e respostas, que aconteceria no primeiro tipo de relação, na relação *Eu-Tu*, e que não aconteceria na outra, na *Eu-Isso*. Não é isso que o Buber está falando, a relação dialógica não é meramente uma troca de perguntas e respostas.

Para o Buber nós estamos sempre numa relação – o individual não existe sem estar numa relação. Estamos sempre numa relação com outros seres humanos, com o mundo, e com Deus. E por virtude de sermos seres humanos, só somos capazes de dois tipos de relação: a relação *Eu-Tu*, e a relação *Eu-Isso*.

A relação *Eu-Tu*, a relação dialógica, é uma relação na qual estamos abertos para o *Outro*, ela não envolve interesses, nela permitimos ao *Outro* se manifestar como realmente é. Note o uso de *Tu* e não *Você*. No Brasil, em alguns estados, usamos ou o *Tu* ou o *Você*, e para pessoas que nos são familiares e desconhecidas. Mas nisso temos que pensar como os portugueses. O *Tu* é o pronome que usamos para aqueles que são nossos próximos, como nossos pais, familiares, amigos; o *Você* é usado para os

outros, envolve uma barreira psicológica entre o eu e o *Outro*. Note que podemos entrar na relação dialógica mesmo sem o uso de palavras, às vezes nos comunicamos apenas com o olhar, uma expressão do rosto.

A relação *Eu-Isso* é mais simples, ela é instrumental, envolve usar o *Outro* como um meio para fins; por exemplo, na busca de uma informação. A relação *Eu-Isso* só é problemática quando esquecemos de usar a relação *Eu-Tu*. É muito fácil passar pela vida usando os outros, e quando ela se radicaliza, tornando-se a fonte de certas atitudes, como o racismo, a misoginia, a homofobia, etc. – que nada mais é do que ver o *Outro* como um objeto, e não como um igual.

Para explicar melhor. Essas relações têm textura, sentimos na pele. Isso foi algo que aprendi com o Dan Avnon da *Hebrew University*.<sup>5</sup> Por exemplo, quando vamos a uma festa ou conferência e não conhecemos ninguém, começamos a conversar com uma pessoa e imediatamente sabemos se ela está interessada em nós ou não; se ela está olhando sobre o nosso ombro para ver se tem alguém mais interessante ou importante para ela. Se ela está aberta para mim, e eu a ela, então estamos numa relação *Eu-Tu*, dialógica; caso contrário, estamos na relação *Eu-Isso*, instrumental, não dialógica. Como disse, sentimos essas relações na pele.

A educação envolve para o Buber tanto a relação *Eu-Isso* como a relação *Eu-Tu*. O texto principal para um bom entendimento dessas relações é o livro *Eu e Tu (I and Thou)*. Na área de educação, os principais ensaios são: “Sobre a educação” (*On education*) e “Educação de caráter” (*The education of character*), ambos no livro *Entre homem e homem (Between man and man)*.

A relação *Eu-Isso* se manifesta através da escolha de tópicos, o currículo, o *framework* no qual trabalhamos. Mas trabalhar apenas nesse nível significa ficar naquilo que os alemães chamam de *Erziehung*, ou seja, educação como instrução. Pode-se dizer que esta é uma forma de educação bancária, como diria o Freire. O Buber diz que, nesse tipo de educação, o professor “canaliza” (*funnel*) conhecimentos e informações

---

<sup>5</sup> Segundo Alex, o Professor Dan Avnon escreveu um importante livro sobre o Buber: *Martin Buber: the hidden dialogue*. Alex mencionou que mantém contato com Dan há vários anos e que costuma encontrá-lo quando vai a Israel. Acrescenta que a *Hebrew University of Jerusalem*, *ranked* entre as melhores do mundo, foi fundada em 1918 e que Martin Buber fez parte do comitê de acadêmicos que criou essa instituição, assumindo a posição de professor de Filosofia Social quando imigrou, foragido da Alemanha nazista para a Palestina, então sob o comando britânico, em 1938.

*para o/no aluno*, sem levar em conta que o aluno é um ser criativo e crítico, com uma história de vida. Quer dizer, o professor o trata como um objeto, como um “isso”. O professor propagandista<sup>6</sup> também usa como base a relação *Eu-Isso*, disseminando suas ideias, sua ideologia e usando os alunos como implementadores da sua vontade. Não existe debate e criticismo entre o professor propagandista e seus alunos. Isso também é tratar o outro como um objeto, como um “isso”. Um exemplo extremo que vem à mente, usado pelo Buber, é o de Hitler que tinha a capacidade de mover as massas para que implementassem a sua vontade, mas que não tinha a mínima consideração por essas pessoas. Elas eram verdadeiros instrumentos, meras extensões da sua vontade.

A relação *Eu-Tu* se manifesta através da relação professor-aluno, que tanto para o Buber como para o Freire, deve ser uma relação simétrica ao máximo possível. E através dessa relação dialógica, abrindo espaço para o outro se manifestar como realmente é, que ocorre a transformação do *Eu* (tanto o meu *Eu*, como o *Eu* do *Outro*). Quando levamos o processo de educação a esse nível, trabalhamos dentro daquilo que os alemães chamam de *Bildung* – educação de caráter. O outro não pode nos questionar se não abrimos espaço para ele e vice-versa. É através dessa abertura, desse questionamento, que nos transformamos mutuamente.

Assim sendo, o papel do professor é importantíssimo para a manifestação do *Eu-Tu*. Não podemos conceber o diálogo, a relação dialógica *Eu-Tu* meramente acontecendo, aparecendo no contexto educacional do nada. Ela precisa de um catalisador. E como argumento no meu trabalho, no contexto educacional, é o professor quem atua como esse catalisador de relações dialógicas entre ele e os alunos e entre os alunos. O professor é o *community builder* (construtor da comunidade). O Buber usa mesmo a palavra alemã *faumeister*, construtor, e não, *führer*, líder. É uma forma de distinguir a verdadeira comunidade fundada em relações *Eu-Tu*, da pseudocomunidade estabelecida através do *Eu-Isso*. Para quem vê de fora, o líder, na concepção buberiana, dá a impressão que constituiu uma comunidade, mas, na verdade, ele não o faz porque o líder não considera os outros membros do grupo seus iguais, eles são apenas instrumentos da sua vontade; as relações são

---

<sup>6</sup> Alex e John discutem o tema do professor propagandista no artigo “*I and Thou: the education lessons of Martin Buber’s dialogue with the conflicts of his time*”, *Educational Philosophy and Theory*, 2012, v. 44, n. 9, 2012.

fundadas no *Eu-Isso*. De novo, o Hitler, que já mencionei, foi um exemplo clássico disso.

**4 Nilda:** *Aprofundando um pouco mais, observamos que Buber afirma que a existência humana é realizada na relação e considera as palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso (I-Thou and I-It) para explicar as atitudes que compõem as relações humanas. Através da primeira é que o diálogo aconteceria, associado a uma relação de mutualidade entre dois entes, num encontro entre iguais que se reconhecem como tal. Em via inversa, na segunda, não seria possível estabelecer o diálogo, pois nela estaria implicada uma relação de objetivação, como meio para atingir determinados fins. Você e Morgan (2014, p. 5) mencionam que Buber admite uma oscilação entre a relação I-Thou e a relação I-It e pontuam as direcionalidades em que a mesma pode correr. Você poderia ampliar esse complexo ponto para a compreensão do diálogo segundo as abordagens de Buber?*

**Alex:** Agora, o tópico da oscilação entre estes dois tipos de relação. Nós vivemos numa realidade material, precisamos comer, pagar nossas contas, trabalhar, receber informações de pessoas, então faz parte da nossa realidade usar o *Outro*, interagir com o *Outro* através da relação *Eu-Isso*. Precisamos usar o *Outro* para receber informações, para desenvolver um trabalho, para fazer as nossas compras – usamos o indivíduo no caixa do supermercado para podermos adquirir as nossas compras. Ao mesmo tempo, nós também temos amigos, familiares, com os quais interagimos mais através de relações *Eu-Tu*. Entretanto, a relação *Eu-Tu* é uma relação muito intensa e acabamos por usar o *Outro*, até mesmo aqueles que amamos; por exemplo, quando somos adolescentes, usamos nossos pais como banco, como motoristas, que é uma relação *Eu-Isso*. Do mesmo modo, se formos abertos, podemos transformar uma relação *Eu-Isso* numa relação *Eu-Tu*. Às vezes, encontramos um desconhecido, porque estamos, por exemplo, à procura de uma informação e, se formos abertos, essa relação *Eu-Isso* pode se transformar numa relação *Eu-Tu*, mesmo que momentaneamente.

Em síntese, o importante da teoria do Buber é isso. É muito fácil operar continuamente usando a relação *Eu-Isso*, a usar o *Outro*, então, é importante nos lembrarmos constantemente que o *Outro* é uma pessoa



como nós, e nos engajarmos com ele através do *Eu-Tu*. Uma maneira de entender isso é através de uma analogia com a *Gestalt Psychology*. Quando nos deparamos pela primeira vez com uma daquelas figuras da Gestalt, por exemplo a senhora e a moça, vemos ou uma ou outra. Temos que *aprender* a ver as duas e, depois, conseguimos direcionar o nosso entendimento: agora quero ver a senhora, agora quero ver a moça. Com as relações *Eu-Tu* e *Eu-Isso* é assim também. Na maioria do tempo, estamos no *Eu-Isso*, mas temos que aprender a nos lembrar do *Eu-Tu* em nossas interações com o *Outro*.

*5 Nilda: Se direcionarmos as reflexões de Buber para a relação pedagógica, os textos de que você participa como autor alertam para pontos de convergência entre o diálogo em Buber e em Freire, mas também pontos de divergência, que poderiam ser associados às concepções de mutualidade e de reciprocidade na relação professor e aluno. Você poderia esclarecer como esses pontos interferem na relação educativa e como possibilitam riscos de convertê-la em amizade, bem como em mascarar o diálogo e potencializar os conflitos?*

**Alex:** Para o Buber, assim como para o Freire, a relação professor-aluno não deve ser assimétrica, mas simétrica. Ela tem que ser baseada no *Eu-Tu* o máximo possível. Claro, como já disse o Buber, não quer que a relação professor-aluno se torne uma forma de amizade. Uma forma de entender isso é assim: o *Eu-Tu* e *Eu-Isso* não são como o branco e o preto. Essas relações têm tonalidades e *nuances*. Então o *Tu* que eu digo para os meus pais é diferente do “Tu” que eu pronuncio quando encontro meus amigos, e esses são diferentes do “Tu” que digo aos meus alunos. O mesmo vale para o *Isso*, que, em caso extremo, como já disse, cai no racismo, na misoginia, na homofobia.

Complementando, posso dizer que há muitos pontos de convergência entre Freire e Buber. Os dois trabalham com a importância do diálogo para a educação, da relação simétrica entre professor-aluno; também trabalharam mais com o contexto da educação de adultos. O Buber, e acredito que o Freire diria o mesmo, chama a nossa atenção para que a relação professor-aluno como relação simétrica não se torne uma relação de amizade. A relação educativa e a relação de amizade são fundamentalmente diferentes. Num encontro entre o Martin Buber e o

Carl Rogers, eles discutiram isso com respeito à relação terapeuta-cliente, e professor-aluno. A relação terapeuta-cliente, professor-aluno, é uma relação simétrica, estamos abertos ao *Outro*, mas no momento em que ela pode se transformar em algo mais, como uma amizade, precisamos *pull-back*, nos conter, porque, do contrário, podemos destruir a relação terapêutica ou educacional. Temos algo diferente.

Agora mais especificamente sobre o Buber e o Freire. Alguns dizem que a filosofia do Freire é similar à do Buber; outros dizem que o Freire foi diretamente influenciado pelo Buber. De fato, há muitas similaridades. Para mim o Freire é o Buber político. O Freire e o Buber argumentam a educação como uma maneira de transformar o indivíduo, a conscientização no Freire e a formação de caráter no Buber. Entretanto, o Buber nunca usou o discurso político, de jogos de poder, de oprimido e opressor. Isso é algo que para mim foi a influência do Frantz Fanon<sup>7</sup> no Freire. De uma certa maneira, eu me sinto atraído pela filosofia do Freire, mas eu acredito que o Buber diria que ela é problemática, porque tem o potencial de criar conflitos pelo discurso *eu-outro*, opressor-oprimido. Claro, o Freire tinha consciência disso e nos advertiu que o oprimido não deve se tornar opressor. Como trabalho mais na área de resolução de conflitos, educação para a paz, eu acredito que o trabalho do Buber é de mais ajuda nessa área.

**6 Nilda:** *O processo de massificação da escola e a escolarização obrigatória, aliadas ao declive das instituições clássicas de socialização e desestabilização dos referentes de autoridade para as gerações em formação têm provocado sentimentos e comportamentos ambíguos no interior da escola. Exemplo do que acabo de referir são as “culturas da reclamação” que venho tematizando como uma categoria analítica que emerge de registros etnográficos e de narrativas de professores e de alunos de escolas públicas da região da Serra do Rio Grande do Sul. Um modelo de escola centrado no acesso e na transmissão da informação parece não mais atender as expectativas dos atores que dela fazem parte. Entretanto, ainda são insipientes*

---

<sup>7</sup> Franz Fanon (1925-1961) foi um psiquiatra e ensaísta francês da Martinica. Escreveu sobre o processo de colonização e formas de violência, se tornando um pensador muito influente no processo de descolonização africano. Suas principais obras são *Pele negra, Máscaras brancas* e *Os condenados da Terra*.

*às experiências que, ao mesmo tempo que tentam cumprir com o papel social da escola, procuram inovar nas metodologias de ensino ativas e organizar o trabalho pedagógico acolhendo a diversidade sociocultural sem esquecer de considerar o respeito à diferença. Buber e Freire nos legam princípios para tomar o diálogo como centro nas relações humanas e nas relações que acontecem na escola. Freire, de modo específico, oferece o seu método dialógico como modo de conscientização e de emancipação, em oposição a uma educação bancária pautada na mera transferência de informações. Embora ambos os pensadores tenham produzido suas reflexões em contextos diversos aos quais estamos assistindo no momento, como você relaciona a atualidade das ideias de Freire e de Buber para o enfrentamento dos desafios da educação contemporânea?*

**Alex:** A realidade atual é muito problemática. Estamos enfrentando um processo de mercantilização grande no Reino Unido e em outras partes do mundo. Além disso, o professor é visto, cada vez mais, como um facilitador da aprendizagem, um corpo na sala de aula, do que alguém com um conhecimento a ser passado/transmitido a uma nova geração. Não se trata aqui de defender o tipo de professor da escola bancária do Freire, mas de defender o professor como alguém que tem algo a ensinar ao *Outro*. O trabalho do Gert Biesta é fundamental nessa área, e eu mesmo escrevi sobre isso com respeito ao Buber onde caracterizo a relação ensinar-aprender como uma “revelação”, onde revelamos e descobrimos algo sobre nós mesmos e sobre a realidade. Esse artigo saiu na *Studies in Philosophy of Education* e tem o título “Reflexions on Buber’s ‘Living-Centre’: Conceiving of the Teacher as ‘The Builder’ and Teaching as a ‘Situational Revelation’”.

Você comentou a “cultura de reclamação” decorrente de desenvolvimentos estruturais que vocês experienciam no Brasil. Aqui, nós também experienciamos isso, mas por causa do processo de mercantilização. O estudante-consumidor tem sempre que estar feliz – de modo que o “consumidor está sempre certo”. Em casos extremos, o professor se torna refém do aluno, da avaliação de curso por alunos, dos *surveys*; o melhor professor é aquele que faz o aluno feliz e que tem melhores avaliações, e não aquele que realmente ensina e transforma (no sentido de *Bildung*), que propõe desafios ao aluno. Essa felicidade, a alegria, que falamos aqui é imediatista, pouco duradoura, tendo que ser

renovada em cada e todas as aulas. Com isso se perde a noção da alegria do Freire e do Georges Snyders, que é uma alegria mais duradoura, a alegria no prazer de aprender, na educação em si, que envolve frustrações, dificuldades, medo de falhar. Somos seres humanos, e isso tudo faz parte da vida, as alegrias e os medos. Eu e a Ana Lucia Souza de Freitas, que está na Unisinos, escrevemos um artigo sobre isso que vai sair na *Policy Futures in Education*, e é intitulado “*Happiness Education:: A Pedagogical-Political Commitment*”.

Para mim esses são os desafios maiores da educação contemporânea. No Brasil, posso estar errado, mas, pelo que vi recentemente, vocês ainda não experienciaram o processo de mercantilização e de diminuição do papel do professor como nós, em certos contextos educacionais. Talvez isso seja um alerta para vocês. No espírito da pedagogia crítica, a única coisa que podemos fazer é escrever, falar e nos engajar para que mudanças positivas ocorram por aqui e aí também.

*7 Nilda: Antes de encerrar nossa conversa, você poderia falar um pouco do livro Buber and education: dialogue as conflict resolution, cujos valores acadêmico e social foram reconhecidos através da indicação para concorrer ao prêmio Jewish American Book Award.*

**Alex:** Sim, o livro foi a culminância de um trabalho de pesquisa de cinco anos que eu e o John Morgan desenvolvemos juntos, envolvendo pesquisas aqui no Reino Unido e em Israel, no *Buber Archives*. O livro foi nomeado para o *Jewish American Book Award*. Aqui, no Reino Unido, vários alunos de mestrado e doutorado estão usando o livro e o meu trabalho como ponto de referência sobre o Buber. Também: 2015 marcou os 50 anos da morte do Martin Buber e houve uma conferência internacional na *Tel Aviv University* para marcar essa data – por causa do livro eu fui convidado para fazer parte do comitê acadêmico e apresentar meu trabalho. Vou constantemente a Israel e tenho muitos amigos por lá. A Unesco em Paris também me convidou para dar uma palestra o que foi muito especial para mim. Assim, o meu trabalho com o Buber, o livro me abriu muitas portas.

O livro aborda temas mais filosóficos como a filosofia do diálogo de Buber, o tema da utopia na obra de Buber, do pacifismo de Buber e

entendimentos de como resolver conflitos, sempre contrastando com outros pensadores como o Frantz Fanon, o Mahatma Gandhi, o Bertrand Russell e o Georg Lukács. Mas o livro também tem capítulos centrados em temas mais concretos de educação, por exemplo, a educação não formal (contrastando com a educação formal e informal), o interculturalismo e multiculturalismo, e educação moral. O livro também aborda o problema da paz no Oriente Médio, vivenciado por Buber na pele, com propostas concretas para a educação em seus vários níveis como *Israeli* intradiálogo, *Palestinian* intradiálogo e diálogo entre *israelis* e *palestinians*.

**8 Nilda:** *Por fim, ao ler seus textos, observa-se uma notável capacidade de síntese e de articulação de ideias, desejo de muitos acadêmicos e pesquisadores em processo de formação (e, também, alguns seniores), pois escrever nunca é uma tarefa fácil. Você teria algo para dizer a quem está iniciando uma carreira acadêmica nas ciências humanas e sociais e já se situa no universo do sofrimento para produzir conhecimento que contribua para a construção de uma sociedade melhor? Além disso, poderia expor quais projetos estão no horizonte e com quais novas obras os leitores poderão contar em breve?*

**Alex:** A minha formação é filosófica, o que acredito ajuda muito. Quando fiz o meu mestrado na *St Andrews University*, a minha orientadora, Professora Sarah Broadie, foi uma pessoa fundamental no meu desenvolvimento acadêmico. Ela realmente me mostrou o que é filosofar. Então, quando comecei o meu doutorado com o David Cooper, eu já estava bem-preparado, e logo comecei a publicar e apresentar trabalhos em seminários e conferências. O John Morgan, que é professor da Unesco, também foi uma figura muito importante para mim. Aprendi muito com ele. O que quero dizer é que foi fundamental ter mentores bons, pessoas que te guiem e que te ensinem o *trade* (ou *metier*) de acadêmico, de escrever um artigo, de escrever um livro.

**9 Nilda:** *A partir do que nos revelou na questão anterior, poderia partilhar seu método de escrita ou o modo como imprime a originalidade da autoria em sua produção?*

**Alex:** Os principais problemas, na minha opinião, para artigos e propostas de livros serem rejeitados são a falta de foco e originalidade. Primeiro, temos que conhecer o tema muito bem, nos tornarmos especialistas na área. Assim, conseguimos ver algo que os outros não veem. Isso nos dá o foco e a originalidade. Para explicar isso para os meus alunos, eu sempre uso a metáfora do romance. O artigo e o livro acadêmico são exatamente como um romance. Tem personagem principal, tem enredo, tem que ter princípio, meio e fim. Tem que ter clímax, no sentido de desfecho e ponto crítico. Por exemplo, o personagem principal de vários dos meus artigos é a filosofia do diálogo do Buber. Aí, eu conto uma estória a partir desse personagem, uma em cada artigo. Se tentar contar mais de uma estória num artigo, ele perde o foco, e a originalidade sofre.

**10 Nilda:** *Haveria algo mais em seus achados de pesquisa que você gostaria de partilhar conosco, por exemplo, a sua relação com o Brasil, o projeto de produções futuras, o novo livro que está em fase de escrita?*

**Alex:** Fiquei muitos anos sem ir ao Brasil. Eu saí do Brasil em 1993, logo depois do *impeachment* do Collor e do Lula perder as eleições. Foi uma época difícil porque a minha geração tinha muitos sonhos e não víamos mudanças. Assim, a minha saída foi uma forma de protesto. Acredito que vários da minha geração fizeram o mesmo. Recentemente, tenho restabelecido as minhas conexões com o Brasil. Trabalhei num projeto da Unesp (Universidade Estadual Paulista), visitei a PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) e a UFSM (Universidade Federal de Santa Maria). Gostei muito do que vi e fiz contatos com colegas que estão desenvolvendo pesquisas muito interessantes, e que, talvez, não tenham tanta visibilidade aqui fora porque não foram publicadas em inglês. A globalização nos une e nos separa. Tenho um desejo grande de continuar essas parcerias com colegas e universidades no Brasil, levando conhecimentos e aprendendo com vocês.

No momento, estou escrevendo com o John Morgan um livro sobre o diálogo e a educação, que figura a visão de dez filósofos europeus sobre esses temas. Vai ser publicado no fim do ano pela Routledge. Eu também estou contratado para escrever um livro sobre a filosofia da educação do Ilan Gur-Ze'ev. Ele foi um filósofo da educação israelense que faleceu

em 2012. Talvez vocês ainda não conheçam o trabalho dele no Brasil. Foi muito importante por aqui e trabalhou dentro da pedagogia crítica e com temas relacionados à educação para a paz, o antissemitismo, e a escola como forma de violência, como uma forma de se “normalizar” as pessoas. Ele questionou muito o pensamento de pensadores como Paulo Freire, Henry Giroux, Peter McLaren, e outros, daí a sua importância, como alternativa à pedagogia crítica, que ele julga falida por perder a noção do criticismo ao tentar estabelecer utopias, como, por exemplo, a libertação dos oprimidos do Freire. Ele propõe a contraeducação, a educação que permanece constantemente crítica, questionando cada e em todos os momentos e sem propor utopias ou distopias. Ele usa a metáfora de uma caravana atravessando um imenso deserto para descrever a nossa jornada no processo de educação. Estamos em constante movimento, olhamos o horizonte, e nunca chegamos ao destino final.

*Nilda: Então, para encerrar, expresso meus profundos agradecimentos pela delicadeza e disponibilidade de partilhar, nesta entrevista, um pouco de sua trajetória como professor e como pesquisador. Espero que suas palavras ecoem nos espaços acadêmicos e educacionais do Brasil, pois, a partir do que pudemos acessar, isso já vem ocorrendo nos mais qualificados meios científicos ao redor do mundo.*

## REFERÊNCIAS

- CREMIN, Hilary; GUILHERME, Alex. Violence in schools: perspectives (and hope) from Galtung and Buber. *Educational Philosophy and Theory*, forthcoming, v. 51, p. 365-378, 2012.
- GUILHERME, Alex. FREIRE, Ida Mara. Merleau-Ponty and Buber on Seeing and Not-seeing the Other: inclusion and Exclusion. *International Journal of Inclusive Education*, v. 19, n. 8, p. 787-801, 2015.
- GUILHERME, Alex. God as Thou and Prayer as Dialogue: Martin Buber's Tools for Reconciliation. *Sophia*, v. 51, n. 3, p. 365-378, 2012.
- GUILHERME, Alex. Michel Serres' Le Parasite and Martin Buber's I and Thou: Noise in Informal Education Affecting Dialogue Between Communities in Conflict in the Middle East. *Educational Philosophy and Theory*, v. 47, n. 10, p. 1052-1068, 2015.

GUILHERME, Alex. Reflections on Buber's 'Living-Centre': conceiving of the teacher as 'the builder' and teaching as a 'situational revelation'. *Studies in Philosophy and Education*, v. 34, n. 3, p. 245-262, 2015.

GUILHERME, Alex. *Reflections on Mendes-Flohr's and Avnon's Interpretation of Buber's 'Living-Centre'*. *Philosophia*, v. 43, n. 3, p. 821-841, 2015.

MORGAN, W. John; GUILHERME, Alex. *Martin Buber's Philosophy of Education and its Implications for Non-Formal Education*. *International Journal of Lifelong Learning*, v. 28, n. 5, p. 565-581, 2009.

MORGAN, W. John; GUILHERME, Alex. I and Thou: The Education Lessons of Martin Buber's Dialogue with the Conflicts of his Time. *Educational Philosophy and Theory*, v. 44, n. 9, p. 979-996, 2010.

MORGAN, W. John; GUILHERME, Alex. Martin Buber et Frantz Fanon: Le Politique dans l'Éducation. *Diogenes* (Unesco), n. 241, p. 35-57, 2013.

MORGAN, W. John; GUILHERME, Alex. *Buber and Education: Dialogue as Conflict Resolution*. London and New York: Routledge, 2014.